



Revista do Instituto de Estudos  
Brasileiros

ISSN: 0020-3874  
revistaieb@usp.br

Universidade de São Paulo  
Brasil

Antonio, Lincoln  
Chico Antonio n' A Barca Mário de Andrade e outros diálogos com a tradição musical  
popular  
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm. 59, diciembre, 2014, pp. 419-435  
Universidade de São Paulo  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=405641281019>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re<sup>o</sup>alyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Chico Antonio n' A Barca

## Mário de Andrade e outros diálogos com a tradição musical popular

Lincoln Antonio<sup>1</sup>

### A Barca e Mário de Andrade

O trabalho d' A Barca, coletivo musical de São Paulo, começou em 1998 a partir do diálogo com a experiência de Mário de Andrade como viajante etnográfico<sup>2</sup>. O estudo do material musical recolhido pelo escritor aliado à experiência em campo do grupo resultou na recriação de diversas peças musicais da tradição popular<sup>3</sup>. Enquanto Mário de Andrade anotou músicas de São Paulo, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, A Barca realizou gravações de campo e estabeleceu diálogos com mestres e grupos do Pará, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais e São Paulo<sup>4</sup>. Todo o material registrado pel' A Barca foi copiado e devolvido a cada grupo ou mestre, e grande parte dele foi editado em CDs e em DVDs documentários<sup>5</sup>.

Embora não gostasse de viajar, como conta em seu diário de viagem que chamou de *O turista aprendiz*<sup>6</sup>, Mário de Andrade realizou

- 1 Compositor, pianista, arranjador e produtor musical. Bacharel em Música – Composição e regência pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp, São Paulo, SP, Brasil). E-mail: lincoln@barca.com.br
- 2 Em sua fase inicial, A Barca era composta por Lincoln Antonio, Renata Amaral, Sandra Ximenez, Juçara Marçal, Marcelo Pretto, Chico Saraiva, Thomar Rohrer, Ligeirinho, Beto Teixeira, Aguinaldo Pereira e Mauricio Alves.
- 3 A BARCA. CD *Turista aprendiz*. São Paulo: CPC-Umes, 2000. CASA FANTI ASHANTI & A BARCA. CD *Baião de princesas*. São Paulo: CPC-Umes, 2002. A BARCA. CD *Trilha*. São Paulo, Cooperativa de Música, 2006.
- 4 O acervo integral de gravações em áudio d' A Barca pode ser consultado na *internet* no endereço <http://www.acervobarca.com.br>. Este acervo recebeu, em 2011, o Prêmio Rodrigo Mello Franco, concedido pelo IPHAN, na categoria Promoção e Comunicação.
- 5 A BARCA. *Trilha, toada e trupé* (3 CDs e um DVD documentário em longa-metragem). São Paulo: Independente, 2006. \_\_\_\_\_. *Coleção Turista aprendiz* (7 CDs e um DVD com 7 documentários em curta metragem). São Paulo, Independente, 2007.
- 6 ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ao menos três viagens importantes: às cidades históricas de Minas Gerais em 1924; “ao Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega” em 1927; e ao Nordeste, viagem etnográfica realizada em 1928-29. Nessa última ocasião, anotou centenas de peças de manifestações populares como maracatu, coco, chegança, congos, boi e cantos de trabalho. Em diversos momentos de sua vida, Mário de Andrade retornou a esse material com a intenção de organizá-lo num grande compêndio. Não conseguiu levar a cabo este projeto, e a maior parte do material foi editado após sua morte por Oneyda Alvarenga, sua aluna e colaboradora<sup>7</sup>. Em vida, publicou obras importantes que trazem registros musicais, como *Ensaio sobre a música brasileira* e *Aspectos da música brasileira*<sup>8</sup>.

O livro *Os cocos*, editado por Oneyda Alvarenga, reúne 245 peças, quase todas anotadas por Mário de Andrade na viagem ao Nordeste. Esse livro foi a principal fonte de estudo e exercício criativo para A Barca e nele sobressai a figura de um cantador: Chico Antonio.

---

7 Os livros de Mário de Andrade organizados por Oneyda Alvarenga e trabalhados por A Barca são:

- a) *Danças dramáticas brasileiras - 1º tomo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. Reúne 95 documentos musicais das cheganças (RN, PB, PE) e 17 do pastoril (PE), além de estudos, textos e anexos;
- b) *Danças dramáticas brasileiras - 2º tomo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. Reúne 64 documentos músicas dos congos (RN, PB), 30 de maracatu (PE) e 15 de caboclinho (RN, PB), além de estudos, textos e anexos;
- c) *Danças dramáticas brasileiras - 3º tomo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1982. Reúne 110 documentos musicais do bumba-meu-boi (RN, PE, CE, AM, PA, RJ), e 53 de congadas e moçambiques (SP), além de textos e anexos;
- d) *Música de feitiçaria do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. Reúne 49 documentos musicais sobre o assunto, além de estudos, textos e anexos;
- e) *Os cocos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1984. Reúne 245 documentos musicais, além de estudos, textos e anexos;
- f) *Melodias do boi e outras peças*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987. Reúne 248 documentos musicais diversos, textos e anexos.
- 8 ANDRADE, Mario de. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962. Reúne, além do ensaio do título (1928), 120 documentos musicais diversos e o estudo “A música e a canção populares no Brasil” (1936). \_\_\_\_\_. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. Reúne os estudos “Evolução social da música no Brasil” (1941), “Os compositores e a língua nacional” (1958), “A pronúncia cantada e o problema do nasal através dos discos”, “O samba rural paulista” (1941) e “Cultura musical” (1955).

Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida. Chico Antonio apesar de orgulhoso:

“Ai, Chico Antonio  
Quando canta  
Istremece  
Esse lugá!...”

Não sabe que vale uma dúzia de Carusos. Vem da terra, canta por cantar, por uma cachaça, por coisa nenhuma e passa uma noite cantando sem parada. Já são 23 horas e desde às 19 que canta. Os cocos se sucedem tirados pela voz firme dele.<sup>9</sup>

Mário de Andrade conheceu Chico Antonio no Rio Grande do Norte e anotou por volta de 50 cocos “tirados” por ele. E descreveu o encontro com o cantador em várias crônicas entusiasmadas, conforme se lê na edição de *O turista aprendiz* elaborada por Telê Porto Ancona Lopez.

Que artista. A voz dele é quente e duma simpatia incomparável. A respiração é tão longa que mesmo depois da embolada inda Chico Antonio sustenta a nota final enquanto o coro entra no refrão. O que faz com o ritmo não se diz! Enquanto os três ganzás, único acompanhamento instrumental que aprecia, se movem interminavelmente no compasso unário, na “pancada do ganzá”, Chico Antonio vai fraseando com uma força inventiva incomparável, tais sutilezas certas feitas que a notação erudita nem pense em grafar, se estrepa. E quando tomado pela exaltação musical, o que canta em pleno sonho, não se sabe mais se é música, se é esporte, se é heroísmo. Não se perde uma palavra que nem faz pouco, ajoelhado pro “Boi Tungão”, ganzá parado, gesticulando com as mãos doiradas, bem magras, contando a briga que teve com o diabo no inferno, numa embolada sem refrão, durada por 10 minutos sem parar. Sem parar. Olhos lindos, relumeando numa luz que não era do mundo mais. Não era desse mundo mais.<sup>10</sup>

O coco, nas suas várias formas, é ainda hoje muito vivo no Nordeste brasileiro. Uma das formas é o coco de roda, quando os dançadores/coro se colocam em roda respondendo ao cantador num refrão simples. Outra

9 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 273.

10 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 277.

forma é o coco de embolar, quando o cantador, também chamado de coqueiro, improvisa versos numa segunda parte melódica, alternando com o refrão cantado pelo coro. Em ambas as formas, o coco pode ser considerado como uma proto-canção, já que não chega ao acabamento da canção popular, constituindo-se como “obra aberta”, sobretudo quando a improvisação é seu elemento central. Dessa maneira, cada performance de um coco é uma obra única, tanto maior seja o talento do cantador como improvisador. Em 2005, A Barca registrou a manifestação através do trabalho de cantadores como Mestre Verdelinho (Alagoas), Biu Roque (Pernambuco), Odete do Pilar (Paraíba) e das cantadeiras do quilombo de Caiana dos Crioulos (Paraíba).

Mas o primeiro cantador que A Barca conheceu, em 1998, foi Chico Antonio, através dos livros de Mário de Andrade.

Bom Jardim, 11 de janeiro - Passei hoje o dia com Chico Antonio, conversando, grafando algumas das melodias que ele canta. Agora ele está de novo giragirando no coco e vou dedicar mais esta crônica a ele. Principiou a cantar faz pouco e até onde o vento leva a toada, os homens do povo vem chegando, mulheres, vultos quietos na escuridão, sentam no chão, se encostam nas colunas do alpendre e escutam sem cansar. A encantação do coqueiro é um fato e o prestígio na zona, imenso. Se cantar a noite inteira, noite inteira os trabalhadores ficam assim, circo de gente sentada, acorada em torno de Chico Antonio uirapuru, sem poder partir.<sup>11</sup>

---

11 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 277.



**Figura 1:** Chico Antonio, foto de Mário de Andrade. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP - Fundo Mário de Andrade, código do documento: MA-F-0994

No encarte de seu primeiro CD, *Turista aprendiz*, lançado em 2000, A Barca escreveu:

Na aula “O artista e o artesão” (in *O Baile das Quatro Artes*), Mário de Andrade discute a importância do artesanato como parte da técnica artística que se pode ensinar, que é necessária para movimentar o material, pra que a obra de arte se faça. Técnica demais, porém, pode descambar para uma virtuosidade perigosa, vazia, ou para um formalismo excessivo, distanciando a obra de sua função social. É preciso que haja “um justo equilíbrio entre a arte e o social, entre o artista e a sociedade”. Portanto, é necessário que o artista adquira “uma severa consciência artística que o moralize”, envolvendo-se com os problemas imediatos do seu tempo. Essa dimensão social da arte não se localiza fora dela, mas no próprio fazer artístico.

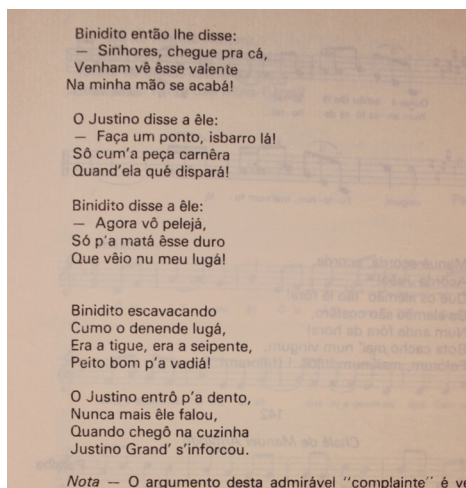
O trabalho da Barca começa do aprendizado e movimentação de um material específico: a música vinda das tradições populares de todo o Brasil. São melodias, ritmos, vozes, timbres e versos de artistas anônimos, como finas camadas de areia que vão se sobrepondo ao longo do tempo. Sempre em transformação, a arte popular é genuinamente social, porque funcional, seja no sentido lúdico ou religioso. Ela precisa interessar, sempre. Na sua origem está a busca da comunicação entre os homens.

Baseado nesse desejo de comunicação, nos lançamos a essa tarefa nada simples de pesquisar, estudar e apresentar esse material, sempre atentos às suas características e exigências, porque “se o espírito não tem limites na criação, a matéria o limita na criatura”. Em janeiro de 1999 a Barca viajou por cidades do interior do Pará e do Maranhão mostrando essa experiência e conhecendo muitas outras coisas que acabaram influenciando nosso trabalho e entrando para o repertório do grupo. Essa viagem, marcada pela vontade mútua de compartilhar experiências, nos deu uma visão muito clara do quanto a música brasileira é ao mesmo tempo múltipla e integradora. Tocando e cantando, a gente se entende.<sup>12</sup>

A Barca recriou vários cocos anotados por Mário de Andrade. Falaremos aqui de três deles: “Justino Grande”, “Ê Tum” e “Manué”. Cada um deles com características formais próprias que resultaram em processos distintos de edição e arranjo.

The image shows a handwritten musical score for a song titled "Justino Grande". It features two staves of musical notation in 3/4 time, with a tempo marking of ♩ = 110. The lyrics are written in Portuguese. The first staff has the lyrics: "Pr'onde vai, Jus- tino- Grande, Cum teu bumba gema- dó?". The second staff has the lyrics: "Quando chegô im Go- i-a- na Jus- tino Grandi apanhô...". Below the staves, there are several paragraphs of lyrics, some of which are enclosed in brackets. The lyrics include: "Pr'onde vai, Justino Grande, Cum teu bumba gemedô? Quando chegô im Goiana Justino Grande apanhô! Binidito era um bicho, Cab'a bom p'a vadiá, Justino Grande apanhô, Quand'acabô foi s'inforcá. Quando entraram nua sala, Que pegaram a rimá, Diz, até fazia pena O Justino vadiá. Eu me chamo Binidito, O coqueiro do lugá, Eu sô aquela seipente Que você ouviu falá. — Faça carreira, Justino, Nós agora vamo dá, Dê c'u macêpo nu bumba, Quero vê ele falá!". To the right of the lyrics, there are handwritten musical notations, including chords and rhythmic markings, some of which are circled or numbered.

12 A BARCA. CD *Turista aprendiz*. São Paulo, CPC-Umes, 2000.



## Justino Grande, um coco em cinco tempos

**Figura 2:** Páginas 196 e 197 do livro *Os cocos*, anotações de Lincoln Antonio feitas durante o trabalho d' A Barca.

“Justino Grande” é um surpreendente coco em compasso quinário. A célula básica do coco é invariavelmente em compasso binário, descrevendo tanto a base rítmica da percussão, quanto o passo da dança.



**Figura 3:** Célula rítmica básica do coco.

No caso de “Justino Grande”, a melodia desenvolve-se num compasso de cinco tempos. Se subdividimos o compasso 2/4 e consideramos a célula básica do coco em compasso 4/8, essa célula ganhará mais uma colcheia no compasso 5/8.



**Figura 4:** Célula rítmica básica de “Justino Grande”.



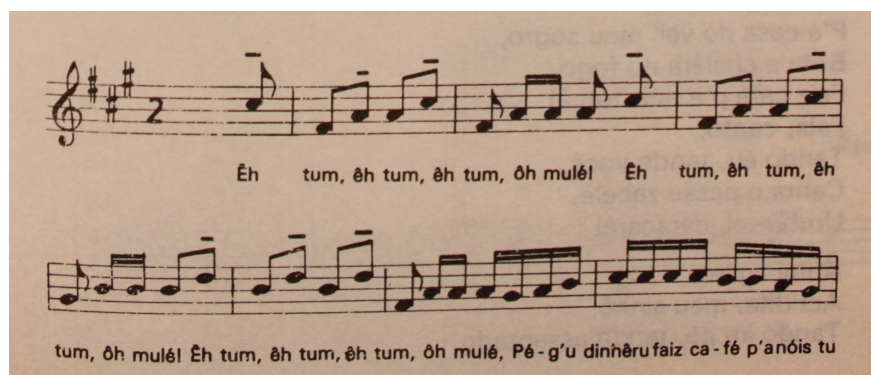
A letra de “Justino Grande” é um raro caso pois – em vez de improvisar sobre um ou vários assuntos, geralmente descolados do refrão – conta uma história, aproximando-se assim da canção popular. Canta-se a “peleja” entre dois coqueiros, Justino Grande e Benedito, culminando com a derrota do primeiro. Outra singularidade é a cadência harmônica ocorrer no meio do compasso ou, mais precisamente, no quarto pulso.

Fm                    | Fm       Eb   | Eb       Db   | Db Eb Fm   ||  
 1 2 3 4 5   1 2 3 4 5   1 2 3 4 5   1 2 3 4 5

A profusão de versos encontrados no livro *Os cocos*, a variedade de temas e de diálogos, levou A Barca a experimentar novas edições e arranjos das peças, sobretudo pelo gênero constituir-se como “obra aberta”, refrão que recebe versos improvisados na segunda parte.

### Ê Tum: duelo de emboladas

Mário de Andrade já havia publicado o refrão de “Ê Tum” em seu *Ensaio sobre a música brasileira*<sup>15</sup>, provavelmente tendo-o recebido de algum colaborador. Mas é de Chico Antonio a versão que está n’*Os cocos*, a qual, além do refrão, apresenta ainda uma segunda parte.



15 ANDRADE, Mario de. *Ensaio sobre a música brasileira*, p. 125.



**Figura 5:** Páginas 289 e 290 do livro *Os cocos*, base para o trabalho do grupo A Barca.

Na segunda parte, o cantador improvisa quadras seguindo uma forma comum nos cocos anotados por Mário de Andrade: estrofes duplas de quatro versos, tendo o primeiro verso de cada estrofe quatro sílabas poéticas e os restantes, sete.

Anda ligero,  
A minha regra é de coquero,<sup>14</sup>  
Istremece o mundo intero,  
Trupelão, rio, caná;

Tando zangado,  
Baiano agalopado,  
Naquele dia maicado,  
Fui aprendê a nadá!

A versão d' A Barca para o coco "Ê Tum" de Chico Antonio, gravada no disco *Turista aprendiz*, fez um embate de dois cantadores na segunda parte, alternando estrofes entre eles, como acontece na cena cantada no coco "Justino Grande". Esses versos vieram de outros cocos de Chico

14 Conforme a partitura, o "A" que inicia o segundo verso é cantado junto com a sílaba final, átona, de "ligeiro", do primeiro verso.

Antonio, mas também vieram de outros cantadores anotados por Mário de Andrade.

(Juçara Marçal)  
corre, menina  
pra casa do véio, meu sogro  
bote a chalera no fogo  
faiz café pra nós tumá  
(Sandra Ximenez)  
corre, menina  
na casa do funileiro  
chegue lá, pergunte a ele  
por quanto faiz um ganzá

(Marcelo Pretto, Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Juçara Marçal)  
fala, coquero  
da cabeça de cumbuca  
você hoje se amaluca

na pancada do ganzá  
fala, coquero  
da barriga de monturo  
você fala no escuro  
porque meu talento dá

(Sandra Ximenez)  
olha, coquero  
na bolada americana  
si o esp'rito num m'ingana  
eu também sei embolá  
bolada num  
bolada num, bolada notro  
atirei com bola solta  
num jogo de rebolá

(Juçara Marçal)  
tome cuidado  
diz, é poco mais o meno  
minha bola tem veneno  
quando eu pego no ganzá

eu dei um tombo  
quatro tombo no martelo  
eu sô feito no duelo  
rimeiro, vamo rimá

(Marcelo Pretto, Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Sandra Ximenez)  
passe pr'aqui  
passe pr'ali, passe p'o canto  
que eu daqui num me alevanto  
quantas tapa qué levá?  
ande ligero  
arrepate, cavalero  
eu sô um bicho ligero  
na pancada do ganzá

(Juçara Marçal)  
ande ligero  
arrepate, meu sinhô  
tando em pé, tando assentado  
eu sei dá pulo mortá  
ande ligero  
no martelo agalopado  
abr'u olho, camarada  
veja o jeito d'eu bolá

(Sandra Ximenez)  
caba danado  
cabo da bola malina  
você memo é que m'insina  
lavá ropa sem moiá  
é tranca, é bola  
é tranca, é bola, é parafuso  
a baleia deu um urro  
do out'o lado do má

(Marcelo Pretto, Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Juçara Marçal)  
embola a lua  
embola o sol, embola o vento

meto a cabeça, vô dento  
qu'eu também vô guerriá  
faca de ponta  
é danada pra custela  
nego vendo a ponta dela  
morre doido, num vai lá

(Sandra Ximenez)  
poeta novo  
num monta no meu cangote  
se montá leva chicote  
morre doido de apanhá  
passe pr'aqui  
passe pr'ali seu gororoba  
que você engole cobra  
com farinha de imbuá

(Juçara Marçal)  
no meu cercado  
cabrito novo num berra  
nuvíu de pé de serra  
num briga com malabá  
caba valente  
num me diga desaforo  
quem num pode com besoro  
num assanha mangangá

(...)

(Juçara Marçal, Sandra Ximenez e Marcelo Pretto)  
ande ligeiro  
a minha regra é de coqueiro  
estremece o mundo inteiro  
trupelão, rio, caná  
eu sou coqueiro  
eu sou bicho cantadô  
inda que você num queira  
eu seria, eu era, eu só

Voltando a Mário de Andrade:

Porque Chico Antonio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco. Não canta nunca sentado e não gosta de cantar parado. Forma os respondedores, dois, três, em fila, se coloca em último lugar e uma ronda principia entontecedora, apertada, sempre a mesma. Além dessa ronda, inda Chico Antonio vai girando sobre si mesmo. Ele procura de fato ficar tonto porque, quanto mais gira e mais tonto, mais o verso da embolada fica sobrerrealista, um sonho luminoso de frases, de palavras soltas, em dicção magnífica. Poemas que nenhum Aragon já fez tão vivo, tão convincente e maluco. É prodigioso.<sup>15</sup>

### Manué: misturando versos e melodias

Em “Manué”, A Barca experimentou um arranjo mais complexo, envolvendo duas peças distintas. A primeira é uma toada do boi-bumbá Pae do Campo, gravada pela Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938, em Belém do Pará<sup>16</sup>.

♩ = 112      REFRAÃO

Ê Ma - nu - el Eu só vim fa - zê teu gosto Sa - cri - fi -

can - do meu cou - ro, co - rren - do su - or do meu rosto Sa - cri - fi -

2. ESTROFE

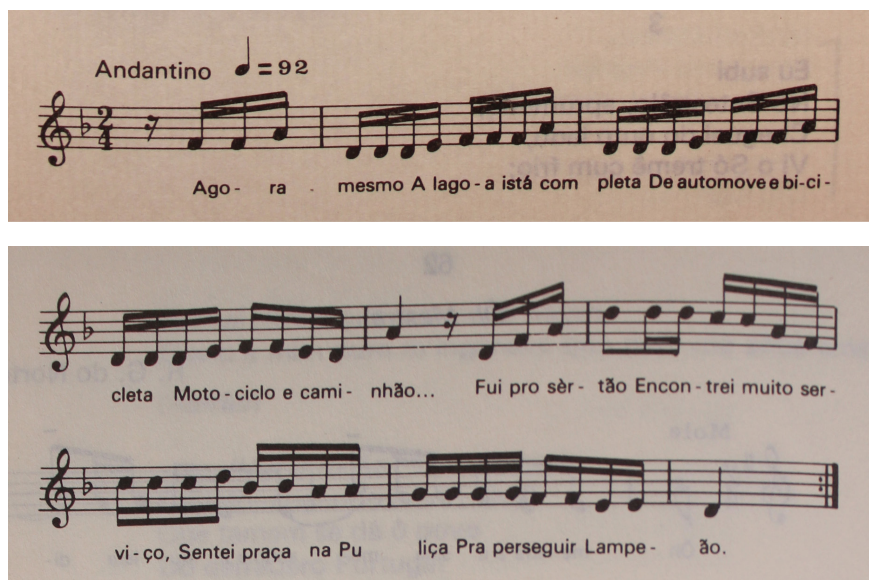
Oh, mi - nha mãe me bo - tea benção Me quei - ra me dar ben - ção Mi - nha

Eu vou pra te - rra de mouro Vou mo - rrer sem con - fi - ssão D.C.

**Figura 6:** Toada do boi-bumbá Pae do Campo, gravada pela Missão de Pesquisas Folclóricas em Belém do Pará, em 1938.

15 ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*, p. 278.

16 VÁRIOS, CD *The Discoteca Collection: Missão de Pesquisas Folclóricas*. The Library of Congress, Rykodisc, 1997.



**Figura 7:** Páginas 115 e 114 do livro *Os cocos*, base para o trabalho do grupo A Barca.

Na versão d'A Barca, a melodia da segunda parte do boi foi transformada em introdução instrumental e a melodia do coco pernambucano ficou como segunda parte, permanecendo o refrão do boi como tema central. Tudo como um coco de roda, em andamento acelerado, com a temática feminina nas estrofes da segunda parte. Mais uma vez, versos de Chico Antonio e de outros cantadores presentes no livro *Os cocos* foram rearranjados para a construção do discurso do cantador sobre “as mulé”.

(Marcelo Pretto)  
a gente chega  
fica logo impressionado  
com o olhar enamorado  
das menina do sertão  
muito cuidado  
por ali ninguém faz fita  
cada mocinha bonita  
tem um tio que é valentão

17 ANDRADE, Mário de. *Os cocos*, p. 115-114.

18 ANDRADE, Mário de. *Os cocos* p. 116.

19 ANDRADE, Mario de. *Ensaio sobre a música brasileira*, p. 90.

(Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Marcelo Pretto)

em riba daquela serra  
tem um velho gaioleiro  
quando vê moça bonita  
faz gaiola sem ponteiro  
naquela serra  
tem três moça encantada  
uma é minha, outra é tua  
outra é de meu camarada

se quisé escolhe noiva  
escolha pelo andá  
que aquela que é veiaca  
pisa no chão devagá  
pra casá com moça  
não case com amarela  
que ela dá pra lobisome  
passa a gente na moela

(Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Marcelo Pretto)

homem casado  
que tem amor à família  
que gosta de suas filha  
não devia passia  
se saí pra rua  
deixa a casa em abandono  
chega outro e banca dono  
toma conta do lugá

mulé casada  
que duvida do marido  
leva a mão no pé-do-ouvido  
pra deixá de duvidá  
homem solteiro  
namorou muié casada  
tá co'a vida atrapaiada  
na ponta do meu punhá



(Juçara Marçal e Sandra Ximenez – refrão)

(Marcelo Pretto)

pois é que a vida  
tá ficando muito cara  
homem, agora, é coisa rara  
não se pode assim achá  
só macaxera  
a mulher e a cachaça  
num instante a gente acha  
não carece procurá

cabocla Mariana  
tem quatro filha solteira  
tem uma cabocla mais nova  
nunca vi bicha faceira  
anda e remexe  
quatro palmo de cadeira  
premita nossa senhora  
qu'essa cabocla me queira

Mário de Andrade nunca mais reencontrou Chico Antonio desde sua viagem ao Nordeste, aliás, a única vez em que esteve na região. Mas em 1943 o escritor voltaria ao cantador, transformando-o em personagem de uma série de crônicas intituladas “Vida do Cantador”,<sup>20</sup> publicadas na sua coluna “Mundo Musical”, no jornal *Correio da Manhã*.

Chico Antonio ficaria esquecido nas páginas de *O turista aprendiz*, só publicado em 1976. Mas, em 1979, o cantador é novamente localizado no Rio Grande do Norte, pelo poeta e pesquisador Deífilo Gurgel<sup>21</sup>. Essa “redescoberta” de Chico Antonio, quase octagenário, é tema do documentário *Chico Antonio, o herói com caráter*, de Eduardo Escorel. Em 1982, Chico Antonio grava um LP para o Instituto Nacional do Folclore/Funarte<sup>22</sup>, acompanhado por seu vizinho Paulírio Sebastião da Silva, onde relembra uma série de cocos anotados por Mário de Andrade, como “Boi Tungão”, “Adeus Luquinha da Lagoa” e “Onde Vais, Helena”. Chico

---

20 ANDRADE, Mário de. *Vida do cantador*. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.

21 COSTA, Gilmar Benevides. *O canto sedutor de Chico Antonio*. Natal: Editora da UFRN, 2004, p. 58.

22 ANTONIO, Chico. LP *No balanço do ganzá*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982. Relançado em CD pela Funarte, Coleção Itaú Cultural e Atração Fonográfica em 1998.

Antonio falece aos 89 anos, em 1993, quando se comemora o centenário de Mário de Andrade.

Em 1998, como na ficção de *Vida do cantador*, Chico Antonio volta a “cantar” em São Paulo pelos músicos d’A Barca.



**Figura 8:** Chico Antonio e Paulírio Sebastião da Silva.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i59p419-436>

